

Representações do corpo feminino na literatura

Maria do Rosário Alves Pereira¹

Elódia Xavier, renomada estudiosa da área de literatura brasileira e feminina, traz a público uma obra singular acerca do corpo e suas representações: *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino* (Editora Mulheres, 2007). Sua “tipologia do corpo”, ousada, uma vez que se baseia em um estudo sociológico, ao mesmo tempo amplia e reformula a tipologia criada por Arthur Frank. Romances e contos nacionais, do início do século 20 até a atualidade, são utilizados para exemplificar tais categorias, mostrando a representação do corpo como local de inscrições culturais, políticas e sociais, temática muito pertinente na contemporaneidade.

Em seu prefácio à obra, Antonio Carlos Secchin chama a atenção para a “eficácia operacional da categorização temática” que, para além de ser meramente normativa, considera a noção de corpo em sua concretude histórica, e não biológica, como tradicionalmente se concebe. Partindo do pressuposto de que a análise da representação dos corpos pode auxiliar no entendimento das práticas sociais que os rodeiam, Elódia Xavier estabelece relações instigantes com a literatura e tangencia teorias consagradas, como o estudo de Pierre Bourdieu, *A dominação masculina*, e de Michel Foucault, *Vigiar e punir*, dentre outros.

As dez categorias que a pesquisadora estabelece são as seguintes: corpo invisível, corpo subalterno, corpo disciplinado, corpo imobilizado, corpo envelhecido, corpo refletido, corpo violento, corpo degradado, corpo erotizado e corpo liberado. No capítulo sobre o corpo invisível, são abordados o romance *A intrusa*, de Júlia Lopes de Almeida, no qual a protagonista, Alice, mesmo sendo uma presença quase “imaterial”, conquista Argemiro; e o

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais.

conto “Muslim: woman”, de Marilene Felinto. Neste texto, a tensão entre ser vista, reconhecida, e se esconder, em paralelo com as diferenças culturais que se apresentam no encontro da mulher ocidental com a muçulmana dão a tônica ao texto. A mulher ocidental em crise vê na cultura oriental símbolo de proteção, e permanece resignada, à semelhança da outra.

Quanto à representação do corpo subalterno, o texto de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo*, e o conto de Wanda Fabian, “Mulher debaixo do cofre”, são analisados. As personagens são mulheres que sempre permanecem em “segundo plano” na sociedade, e ocupam um lugar de subalternidade, seja esse lugar econômico, da indigência social, ou no microcosmo familiar. Ainda que se utilizem de estratégias completamente diferentes para demarcar tal subalternidade, o estudo de Elódia Xavier demonstra que em ambos os textos há sempre um alguém que empreende a espoliação desse corpo feminino. Uma das características que tornam a leitura de *Que corpo é esse?* ainda mais interessante, aliás, é o fato de a pesquisadora se valer de textos literários os mais variados, conhecidos ou não do grande público e da Academia, e que refletem nuances e contextos sociais diversificados, mostrando os mecanismos capazes de manter o corpo feminino em seu lugar de submissão, ou mostrar como ele consegue se liberar das amarras sociais empreendidas por uma sociedade ainda patriarcalista e falocêntrica.

No que diz respeito ao corpo disciplinado, há uma espécie de “gradação” nos textos que se apresentam: a primeira obra estudada, *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, reflete esse corpo disciplinado em toda sua inteireza. Macabéa é previsível, e sua carência é mantida pela disciplina, como bem o demonstra Elódia Xavier. A subordinação às regras é plena, e as relações de dominação são vistas como naturais. Saliento que, neste corpo disciplinado, tem-se um aspecto que o diferencia do corpo subalterno: não há autoconsciência em Macabéa, ela apenas reproduz estruturas e discursos, ao passo que Carolina Maria de Jesus, por exemplo, questiona o sistema e sua condição subalterna. O segundo texto analisado na categoria corpo disciplinado é “I love my husband”, de Nélide Piñon: há toda uma disciplina a ser seguida no casamento, reforçada pelo desfecho do conto – “Ah, sim, eu amo meu marido” –, pois amar o marido faz parte do automatismo da vida, constituinte desse corpo disciplinado. Porém – e

aqui volto à idéia de “gradação” –, há momentos de indisciplina, de “vôos de pássaro”, ainda que ela se sinta culpada e retome a disciplina habitual, o que nunca ocorre com Macabéa. Em “A confissão de Leontina”, de Lygia Fagundes Telles, no passado da protagonista encontra-se a “aprendizagem da submissão”, mas a raiva contra o sistema emerge violentamente quando ela, quase sem querer, mata o homem que lhe exigia sexo em troca de um vestido. Aqui não há meros “vôos de pássaro”, como no texto de Nélide Piñon, mas uma reação brusca contra essa disciplina há anos perpetrada contra este corpo. Note-se que a seleção do *corpus* e a seqüência como ele se apresenta não é involuntária: Elódia Xavier acaba por demonstrar que todos os corpos são disciplinados desde a infância/juventude, e tal disciplina é reforçada pelas instituições sociais, a família, a Igreja, a mídia... Em Macabéa, é a tia, o rádio e os anúncios de propaganda que a conformam à estrutura social; a protagonista de “I love my husband” tem um pai coercitivo que a “entrega” àquele que deveria ser o senhor da sua vida, o marido, referendado pelos laços que “atam” um ao outro, os laços matrimoniais da Igreja; enquanto a mãe de Leontina trabalhava dia e noite, ela cuidava da casa para assegurar os estudos do primo. Ou seja, além da pertinência dos textos selecionados, Elódia estrutura uma argumentação que desperta reflexões no leitor, o que salienta ainda mais as qualidades de sua pesquisa que, ao contrário de esgotar temas ou leituras, fornece novas bases para estudos futuros.

O corpo disciplinado caminha para o corpo imobilizado, aquele no qual a disciplina se impõe de tal modo que ele não esboça nenhuma reação, como em “O Pai”, de Helena Parente Cunha, e “É a alma, não é?”, de Marina Colasanti. Já os corpos envelhecido e refletido guardam relações com a sociedade que os cerca: no corpo envelhecido é a inexorável passagem do tempo que deixa marcas. Elódia Xavier estuda *As horas nuas*, de Lygia Fagundes Telles, e alguns contos de Clarice Lispector. O corpo refletido, como o próprio nome assinala, é aquele que reflete o que está ao seu redor, ou seja, o próprio consumo, e como exemplo a pesquisadora comenta *A sombra das vossas asas*, de Fernanda Young, e “Finisterre”, de Nélide Piñon. Mais uma vez, a escolha dos textos é bem-sucedida, pois se o romance mostra um corpo refletido negativo, que se vale de toda a parafernália tecnológica da

estética para alcançar seu amor, no conto a personagem reflete o mundo que a cerca positivamente, ao incorporar a cultura do outro numa viagem à Galícia.

No capítulo sobre o corpo violento, são estudadas as personagens Rísia, de *As mulheres de Tijucopapo*, de Marilene Felinto, e Maria Moura, do romance de Rachel de Queiroz. A reificação do corpo feminino também é objeto de estudo através da representação do corpo degradado. Elódia trabalha com as personagens femininas de Márcia Denser e com Ana Clara, de *As meninas*, romance de Lygia Fagundes Telles.

Paralelamente a esse corpo que se degrada há um outro, erotizado, ainda que este seja um dado recente na prosa de autoria feminina, como bem salienta a estudiosa, por uma série de conjunturas histórico-sociais. O corpo erotizado que vive sua sexualidade de modo pleno aparece na narrativa de Heloísa Seixas, e o erotismo como promessa não cumprida em “O leopardo é um animal delicado”, de Marina Colasanti.

Porém, liberar-se sexualmente não é tudo. As mulheres querem também ser sujeitos de sua própria história, daí a representação, principalmente a partir da década de 90, do corpo liberado na narrativa ficcional feminina. *A sentinela*, de Lya Luft, ilustra esse corpo, bem como o romance de Marta Medeiros, *Divã*.

Como se percebe, a obra estabelece um percurso pelas narrativas de autoria feminina: da mulher que inexiste como sujeito do próprio destino até aquela que almeja e conquista a liberdade em sentido amplo. Do início do século 20 até a contemporaneidade, através dessa amostra com a qual nos brinda Elódia Xavier, percebem-se as transformações por que passa esse corpo – ou esses corpos? – feminino. O leitor certamente encontrará nesta obra o prazer de uma leitura fluida, de uma linguagem objetiva e sucinta, capaz de ampliar o entendimento acerca das questões que permeiam o feminino e de fornecer subsídios para quem se aventure em novas pesquisas.